

Discurso de Catcalls of Leipzig, 08. Março 2023

Somos „Catcalls of Leipzig“, um grupo interseccional, queer-feminista activo em Leipzig.

Através do Instagram ou por correio, podem escrever-nos pessoas que tenham sofrido transgressões de fronteiras, assédio sexual, violência específica de género e/ou discriminação com base na sua identidade, etnia, género, religião ou orientação sexual. Em seguida, contamos a experiência à pessoa afectada e publicamo-la no Instagram. Se quiser que a sua experiência seja assinalada, escreva-nos no Instagram para @catcallsofLpz ou por correio electrónico para CatcallsofLpz@gmail.com. Podem levantar os nossos panfletos, incluindo as traduções, na frente do palco após este discurso.

Antes de começarmos, gostaria de fazer um breve aviso de activação, em seguida, esperar alguns segundos para que as pessoas deixem o espaço. Este discurso abordará os seguintes tópicos potencialmente desencadeadores: Patriarcado, sexismo, misoginia, transfobia, transmisoginia, ideologia TERF, racismo, colonialismo, violência e discurso de ódio.

Realizámos grande parte deste discurso no dia 8 de Março deste ano, o dia de luta feminista. O nosso objectivo era desconstruir as narrativas do TERF e falar sobre as correntes políticas aqui em Leipzig, na Alemanha e nos EUA. No discurso "original" criticámos alguns grupos aqui em Leipzig. A maior parte destas críticas caiu em terreno fértil e está a ser trabalhada, outras não. Mudámos e adaptámos pequenas partes, mas a nossa base permanece a mesma: o verdadeiro feminismo é interseccional!

Mais uma vez, para vossa compreensão: TERF é uma designação externa e significa "Trans-Exclusionary Radical Feminist" (Feminista Radical Trans-Exclusiva). É um termo para activistas* autoproclamados "feministas" ou grupos que rejeitam a existência de pessoas transgénero e os seus direitos e identidades. As TERF defendem frequentemente que o género é uma realidade biológica e, por isso, negam às pessoas trans o seu direito a existir. Esta ideologia esconde-se por detrás de muitos argumentos e expressões políticas diferentes. Este ano, em Leipzig, houve três manifestações no dia de luta feminista, 8 de Março, devido a esta divisão. Uma teve lugar não muito longe de nós, no Augustusplatz, e chamou-se greve das mulheres. Outra manifestação, vista de forma crítica, apesar de terem mais ideais em comum connosco, teve lugar na Sachsenbrücke. Hoje, porém, não queremos diferenciar cada movimento TERF. Em vez disso, queremos falar sobre a ameaça que as narrativas TERF estão a impor aos indivíduos trans e não conformes ao género.

É claro: ser trans não está na moda, mas a transfobia que penetrou até nos nossos círculos feministas parece estar.

É certo que não estão a lutar pelas pessoas de cor. É certo que têm mais em comum com os fascistas do que com o verdadeiro activismo feminista. Hoje estamos aqui para nos indignarmos convosco sobre a forma como os terfs unem diferentes discriminações na sua argumentação.

Estamos aqui porque é mais importante do que nunca falar de feminismo interseccional! Porque todas nós sofremos com o patriarcado. Este não pode ser destruído se nos

concentrarmos repetidamente nos problemas das mulheres brancas cis e ignorarmos a frequência com que elas próprias são as perpetradoras da violência.

Um exemplo que demonstra este facto é o posicionamento cultural das mulheres trans como perigosas para as mulheres cis. Esta crença baseia-se em conceptualizações de género de mulheres cis, implicitamente brancas, como necessariamente frágeis em relação aos homens cis, que por sua vez são retratados como tendo capacidades físicas e sexuais superiores. Ao posicionar as "mulheres" cis, brancas, como uma categoria exclusivamente vulnerável à ameaça da violência "masculina" (e especialmente como violência sexual masculina "biológica"), os argumentos trans-excludentes apoiam os discursos de género e misóginos. Estes discursos há muito que posicionam as mulheres (brancas) como o "sexo fraco" que necessita de protecção (por parte dos homens, dos homens). Isto pode ser visto nas discussões sobre o acesso às casas de banho. Os tons racistas destes argumentos implicam uma visão do mundo em que as mulheres racializadas e, especialmente, as mulheres negras e as pessoas não binárias têm mais probabilidades de serem consideradas perigosamente masculinas. As mulheres racializadas (cis e trans) são especialmente susceptíveis de serem consideradas "suspeitas de género" devido a discursos que posicionam os corpos de cor como desviantes de género em relação às normas do corpo e do género brancos.

Citando Emi Koyama: "Mesmo o argumento de que 'a presença de um pénis desencadearia as mulheres' é falho, porque negligencia o facto de que a pele branca é tão representativa da violência como um pénis."

A inter-relação entre o racismo, a misoginia e a transfobia remonta aos primórdios do colonialismo. A colonialidade, as dinâmicas de poder de longa data que emergiram do colonialismo, infiltram-se em todas as relações sociais que constituem a nossa sociedade: diferenças de género e raciais e até relações laborais. Desde essa altura, o binário de género tem sido utilizado como instrumento pela supremacia branca. E, desde então, os colonizadores tentaram exterminar as estruturas de género alternativas que existiam há séculos; em mais de uma centena de tribos nativas americanas, na América do Sul pré-colonial e na Índia, só para citar algumas. Através de uma assimilação cultural dolorosa e forçada, por exemplo, nas Escolas Residenciais, os povos indígenas foram obrigados a ceder aos sistemas de conhecimento eurocêntricos, muitas vezes através da violência e da morte. A diferenciação sexual foi também utilizada como forma de posicionar os padrões europeus como mais evoluídos do que outros. Muitos de vós talvez conheçam a medição do crânio como um método para demonstrar a pureza racial, mas também era comumente utilizada por mulheres brancas que aderiam ao feminismo eugénico, para se diferenciarem das mulheres de outras raças e classes. Os cientistas do século XIX chegaram a argumentar que outras culturas não eram suficientemente civilizadas para conceptualizar o binário de género. São estas relações políticas e de poder que os TERFs querem manter e reproduzir. É por isso que imploro a todas as minhas colegas mulheres de cor: não caiam nas suas falsas promessas de irmandade e unidade! Quando os TERFs dizem que estão a lutar por TODAS AS MULHERES, o que eles realmente querem dizer é que estão a lutar pelas MULHERES BRANCAS. As TERFs demonstram uma quantidade chocante de islamofobia inquestionável. Durante o chamado "Dia de luta das mulheres", uma mulher branca fez um discurso sobre "os perigos do Islão para as mulheres". O grupo Artemis, em Halle, chama mesmo ao Islão o "maior perigo para as mulheres".

Outro caso que demonstrou claramente as tendências racistas do TERF na cena de esquerda de Leipzig foi o protesto em memória do horrível ataque em Hanau. Enquanto os POCs e os migrantes estavam a chorar as vidas que se perderam, os grupos TERF e os seus aliados "comunistas", usaram este dia de luto para promover a sua própria agenda política e transfóbica. Agitando as suas bandeiras, vomitando a sua ideologia pseudo-comunista nos seus discursos e instrumentalizando a morte das nove vítimas para o seu próprio ganho político. Chegaram mesmo ao ponto de recolher donativos para os seus próprios grupos, em vez de se solidarizarem com a iniciativa educativa de Ferhat Unvar, fundada pela sua mãe após a sua morte prematura, ou mesmo com as vítimas dos terremotos na Turquia e na Síria. A organização do protesto mostrou-nos, mais uma vez, que não se preocupam verdadeiramente com as experiências vividas fora de si.

Um exemplo da forma como a ideologia do terfismo equipara e ignora as identidades e experiências não brancas e não cis é o argumento marxista do materialismo. É utilizado para argumentar que, uma vez alcançada a igualdade entre homens e mulheres nesta sociedade, as situações problemáticas das pessoas de cor e das pessoas queer serão resolvidas. pessoas de cor e pessoas queer desaparecerão por magia. Esta teoria foi muitas vezes revista e adaptada à sociedade actual e não é suficiente para justificar a exclusão e a discriminação. Com base no materialismo, insistem no conceito de mulher que ignora, mais uma vez, as intersecções. Assim, esquecemos, tal como no debate aceso sobre gendering e sobre o termo FLINTA (termo genérico para mulheres, lésbicas, indivíduos inter, não binários, trans e agénero), que a linguagem não é apenas um esforço superficial, mas expressa a forma como concebemos esta sociedade. Porque a linguagem não é o princípio, mas sim o produto final de uma mudança no sentido da visibilidade de todas as identidades. mais uma vez, que não se preocupam verdadeiramente com as experiências vividas fora de si próprios.

Os TERFs não se cansam de se gabar da sua luta contra o fascismo e o patriarcado. E no entanto: quando usamos as mesmas ferramentas do sistema que dizemos querer combater, tornamo-nos inevitavelmente parte das suas estruturas. É fascista achar todas as identidades em classes sociais reducionistas que não reflectem as nossas lutas reais e experiências vividas. E é fascista subscrever ideias patriarcais de sexo, género e raça. Os paralelos entre o fascismo e o TERFismo estão aí, nos seus movimentos políticos e nos seus actores individuais: Sahra Wagenknecht, Alice Schwarzer, J.K. Rowling, Gruppe Artemis Halle, Frauenkampftag-Leipzig, Frauenkollektiv e o seu Bündnis 'feministisch kämpfen' e muitos outros.

No início deste ano, o estado de Indiana tornou-se o 14º estado a assinar e implementar leis que proíbem toda a terapia e medicação para menores transgéneros. Isto não é apenas um ataque ao direito à auto-determinação, mas apaga identidades inteiras e, em última análise, resulta em genocídio. No entanto, este não é, de forma alguma, um incidente isolado. Houve uma miríade de leis recentes que visam as vidas trans e queer. Por exemplo, os professores também serão obrigados a informar os pais quando os seus filhos forem considerados "queer". Isto pode aumentar a pressão do sofrimento em lares conservadores e levar a mais violência contra estas crianças. A origem desta lei pode ser vista como uma lista desenvolvida pela administração Trump. Esta lista foi emitida para os patronos de instituições estatais, como abrigos para sem-abrigo, para discernir indivíduos

como trans, enquanto consiste quase inteiramente numa série de normas ocidentais brancas e binárias. Esta demonização acaba por negar o direito à existência a todos aqueles que não se enquadram nesta norma. É a pedra angular de uma sociedade fascista que tenta erradicar tudo o que não é branco, cis ou hetero. Esta lista nem sequer faz sentido na sua generalização. O único efeito que o "desenvolvimento" de tal lista terá é o de permitir mais discriminação e violência (por exemplo, por parte da polícia) contra pessoas trans e pessoas de cor.

No entanto, não devemos apontar o dedo apenas para os EUA, quando os políticos europeus e, especialmente, os políticos alemães conservadores ou de direita, estão muito satisfeitos por o ignorar. Por exemplo, uma delegação bávara da CDU acabou de visitar o político republicano Ron DeSantis, que é um dos principais rostos da campanha anti-trans na América. Depois disso, começaram as primeiras campanhas de difamação, especialmente contra os espectáculos de drags para crianças. Seguindo o actual modelo americano, os espectáculos drag são demonizados, seriam "perigosos" para as crianças, sexualizam-nas desde tenra idade. Retratar os espaços seguros queer e as pessoas queer como um perigo, especialmente para as crianças, é uma abordagem ameaçadora. Mais uma vez, tudo o que se desvia da norma ou do desempenho estereotipado e binário do género é retratado como perverso e hipersexual. As leis que supostamente são (e em alguns casos já são na América) estabelecidas com base nesta representação acabam por não só proibir os espectáculos de drags, mas também por ilegalizar a existência de pessoas trans, inter e não binárias. Mas, em vez de a esquerda feminista se erguer colectivamente contra estas tendências assustadoras e fascistas, está profundamente dividida nesta mesma questão. Os Terfs e grupos afins estão a voltar-se para essas mesmas ideologias conservadoras de direita no nosso meio, concordando com elas e negando a identidade e a existência às pessoas trans. Portanto, estamos cansados. Temos problemas maiores do que discutir a nossa existência com terfs. O TERFismo mata. O verdadeiro feminismo é sempre interseccional. Não estamos a pedir que reconheçam e respeitem a nossa existência. Estaremos cá na mesma. Não estamos a pedir espaços para celebrar a nossa existência. Porque nós estamos a ocupá-los.

Quando todos os aspectos da vossa vida vos deixam a questionar se a caminhada até ao parque será a última. Ou se a conversa que acabámos de ter com eles será a última vez que ouvimos a voz deles, ou eles a nossa. Estes pesos negros que pairam sobre nós eclipsam os valores triviais e integridade do vosso pseudo-feminismo. Estamos a lutar pela inclusão, sim. Mas também estamos a lutar pelas nossas vidas. Levantámos e movemos montanhas para chegar aqui, passámos pela morte para chegar onde e quem somos. E por causa disso, os nossos corpos estão firmemente assentes no chão. A única questão é: estarás aí ao nosso lado? Digo isto não só carregado pela dor dos meus irmãos caídos, mas também pela dor reservada aos que ainda estão entre os vivos. Para aqueles cujas vidas e verdadeiras formas estão a morrer a cada minuto de cada dia devido à opressão das estruturas que rejeitam e nos negam o nosso sustento. Digo isto como um lembrete, como uma transmissão enviada para os confins do coração. Nesta crise que todos enfrentamos e da qual fazemos parte intrinsecamente, não devemos cair na tentação de nos dividirmos nas sombras. Porque elas são lançadas pela luz que todos nós lutamos para iluminar no final.

O TERF'ISMO MATA!

O VERDADEIRO FEMINISMO É SEMPRE INTERSECCIONAL!

Cis-gays, onde estão vocês?

Quando falamos de movimentos queer, estamos também a falar de questões de organização. O que é organizado a favor ou contra, que perspectivas são representadas, que estrutura de grupo e que formas de ação são escolhidas. Não menos interessante é quem está a organizar e como. Há já alguns anos que participo ativamente em grupos queer-radicais. Para mim, radical queer neste contexto significa não lutar pela assimilação na ordem estatal e capitalista. Nada de capitalismo arco-íris, nada de gestão da diversidade. Em vez disso, quero ultrapassar as estruturas de poder patriarcais, cis-heteronormativas e racistas. Tudo isto é sobretudo DIY, algo caótico e radicalmente suave. Estes grupos são, por vezes, estruturas de longo prazo, como o Queering Defaults, e, por vezes, associações soltas e temporárias para ocasiões específicas. Podem diferir muito nas suas formas de ação. Radical não significa militante.

Nos últimos anos, tenho reparado repetidamente na proporção extremamente baixa de homens cis-gay e cis-bissexuais nos grupos radicais queer. Muitas vezes, há apenas um, dois ou nenhum. Na minha experiência, estes grupos são desproporcionadamente compostos por FLINTA*. Partilhei muitas vezes esta observação com as pessoas que me rodeiam e recebi sempre muitos acenos de cabeça a confirmar. A questão que inevitavelmente se coloca é: Porque é que isto acontece? Porque é que tão poucos homens cis-gays e cis-bissexuais participam nas lutas queer-radicais? Cis-gays, onde é que vocês estão?

Será porque os homens cis-gays e cis-bissexuais ocupam frequentemente uma posição mais privilegiada no seio da comunidade LGBTQIA+? Desde a descriminalização da homossexualidade e a abertura do casamento e da adoção em muitos países, especialmente no Ocidente, tornou-se possível para os homens cis-gays e cis-bissexuais levarem uma vida de classe média com uma esposa, filhos, cão e SUV. Isto não quer dizer que todos os homens cis-gays e cis-bissexuais vivam na riqueza ou que não sofram discriminação, violência ou traumas por serem queer. Ser gay como uma masculinidade supostamente efeminada ainda é socialmente sancionado. Ultimamente, temos vindo a sentir mais um retrocesso do que uma melhoria. Além disso, o casamento também está aberto a pessoas trans* ou lésbicas cis, por exemplo. No entanto, os homens cis-gays e cis-bissexuais são simplesmente menos afetados ou não são afetados de todo por certas lutas que são comuns à FLINTA*. Por exemplo, as lutas contra a patologização para ser reconhecido na sua identidade de género, contra o constante questionamento da sua própria existência, contra a criminalização do aborto, contra o shitposting sexista e trans*fóbico que é evidente através de comentários, agressões, fetichizações e não ser levado a sério todos os dias, ou contra o fardo igualmente desproporcionado do trabalho de assistência. À primeira vista, as FLINTA* têm simplesmente mais razões para querer abolir o patriarcado cis-heteronormativo e, por conseguinte, para se organizarem de forma mais radical. Não é que os homens cis-gays e bissexuais não estejam organizados de todo. Só que, quando o estão, é frequentemente em grupos reformistas, organizações e CDS orientados para a assimilação social, e não em contextos queer-radicais. Pelo menos é essa a minha observação. Já agora, isto não é nada de novo. Muitos estarão familiarizados com o discurso de Sylvia Rivera no NYC Pride 1973, onde foi vaiada pela multidão cis-queer. Ela não falava de casamento e adoção, mas era uma ativista radical e revolucionária contra as prisões que, com Marsha P. Johnson, cuidava de pessoas trans* marginalizadas e sem-

abrigo. A divisão entre a luta pela assimilação e a verdadeira libertação LGBTQIA+ tornou-se rapidamente clara.

No entanto, também acredito que uma distinção geral entre cis-macho e FLINTA* é insuficiente. É demasiado grosseira, pouco útil. Porque, embora as nossas próprias bolhas possam, por vezes, fazer com que pareça um pouco diferente, não é possível inferir uma posição política com base na sexualidade e/ou identidade de género de uma pessoa. Ou o quão radical uma pessoa é. Especialmente nos estudos trans*, há algumas vezes que rejeitam precisamente esta ligação assumida. Porque nem todas as pessoas trans* lutam por uma revolução social ou são politicamente organizadas. Muitas querem simplesmente que lhes seja permitido existir em paz - e isso é muito legítimo. E é igualmente errado assumir que os cis-gays seriam automaticamente particularmente privilegiados em comparação com os trans* queers e que todos se teriam retirado para a esfera privada após o chamado "casamento para todos". É claro que haverá cis-gays, mas também há FLINTA* da classe média. As generalizações não ajudam a forjar as alianças que são tão importantes e a compreender as diferenças de organização ou as experiências interseccionais de discriminação que vão para além da identidade de género.

A organização conjunta necessita também de objectivos comuns. Será que estes nem sempre são atingidos? Especialmente quando se trata da luta contra a trans*fobia, os homens cis-gays e cis-bissexuais não são directamente afectados. Falta o objectivo comum e, portanto, a razão para participar. Mas a solidariedade não consiste em não ter de ser directamente afectado para poder participar nas lutas e apoiá-las? Para ser honesto, estou a exigir que os homens cis-gays e cis-bissexuais defendam as pessoas trans* da mesma forma que as pessoas trans* contribuíram significativamente para a igualdade legal dos cis-gays. Não há LGB sem o T!

Além disso, a merda capitalista, patriarcal e cis-heteronormativa geral diz respeito a todos nós. Não importa se cis ou trans, homo ou hetero. A luta pela libertação queer não acabou só porque alguns LGBTQIA+ têm a oportunidade de se sentirem confortáveis no que existe. As lutas estão interligadas. Não só no seio da comunidade queer, mas também para além dela, a libertação queer não é possível sem lutas anti-capitalistas, anti-racistas, anti-antisemitas, anti-sexistas, anti-incapacidades e muitas outras. Esta convicção tem moldado o Queering Defaults desde há quatro anos. Uma luta, uma luta!

Então, os homens cis-gays e cis-bissexuais devem sentir-se moralmente obrigados a participar em grupos radicais queer e em lutas trans*? Estou dividido. Por um lado, gostaria de ver mais solidariedade e crítica ao sistema por parte dos homens cis-gays e cis-bissexuais, e até o exijo. Por outro lado, o sentimento de obrigação moral não é um impulso sustentável. A participação de homens cis-gays e cis-bissexuais nas lutas radicais queer é de todo desejável? Ainda na semana passada tivemos um painel para criticar o acrónimo FLINTA* e as suas inclusões e exclusões. Apesar de muitos grupos radicais queer não serem explicitamente apenas FLINTA*, e o Queering Defaults não o é, são certos lugares e espaços onde muitos queers se movem. Assim, não são acessíveis a homens cis-gays e cis-bissexuais. Os espaços separatistas podem ser importantes e até necessários. Percebo porque é que nós, enquanto FLINTA*, por vezes não nos apetece partilhar os nossos espaços com homens cis. Ao mesmo tempo, compreendo que, para muitos de nós, os nossos camaradas com quem fazemos política e nos organizamos em grupos são também nossos amigos. É

frequente encontrarmos as pessoas com quem nos queremos organizar através de festas, bares e locais de convívio ou reforçarmos a nossa relação social uns com os outros nesses locais. Mas se estes espaços não incluírem determinados grupos, podemos não nos voltar a encontrar em plenário. Assim, o facto de haver tão poucos homens cis-gays e cis-bissexuais em grupos radicais queer pode ser, em parte, um reflexo da segregação dos espaços sociais.

Como já devem ter percebido, este discurso é mais sobre pensar em voz alta e reflete as conversas que tenho tido sobre o assunto. Porque não tenho uma resposta satisfatória. Quando pensei pela primeira vez em escrever este discurso, era para ser muito mais zangado. Um discurso sobre o quão pouco solidário é o facto de muitos homens cis-gays e cis-bissexuais não se envolverem em grupos radicais queer, ou o quanto já se teriam conformado. Embora eu ainda sinta essa raiva agora e ainda a sinto de vez em quando, o discurso acabou por ser bastante suave. A questão é mais complicada do que um discurso. Na melhor das hipóteses, os pontos que enumerei são todos um pouco verdadeiros. Ao mesmo tempo, a reação contra a emancipação queer pode ser sentida em todo o lado. Podemos olhar com horror para os EUA e para a legislação anti-queer em alguns estados. Mas também na Alemanha, os ataques e agressões hostis aos queers aumentaram significativamente nos últimos anos. Esta violência pode afeitar-nos a todos. Esta violência exige alianças. Além disso, há o estado normal racista, o aumento dos preços e a gentrificação, cada vez mais governos fascistas em todos os cantos do mundo, a catástrofe climática, polícias que cercam cidades e as declaram zonas de controlo durante dias, e tribunais que mandam antifascistas para a prisão durante anos pela necessária luta contra os neonazis. Libertem a Lina e todos os antifascistas! E é por isso que estou assim de um lado: Ei, cis-gays e cis-bis, sejam ativos! Mostrem solidariedade! Parem de se sentir confortáveis neste sistema de merda! Onde é que vocês estão? Mas, por outro lado, quero estender-vos a mão. Porque o ar vai ficar mais escasso para vós também. E se sentirem que o teto lhes está a cair em cima da cabeça, sabem onde nos encontrar. Obrigadx.

Discurso da Act up Sud-Ouest no Pride Queering Defaults na Alemanha

Act up Sud-Ouest celebrou o seu 30º aniversário em Novembro de 2022. Em tempos, a organização estabeleceu o objectivo de ser fundada para desaparecer em algum momento, tal como a SIDA deveria ter desaparecido. Tal como deveria ter desaparecido a discriminação de que são alvo as pessoas seropositivas, os consumidores de drogas, os trabalhadores do sexo¹ e as pessoas queer². Act up Sud-Ouest comemorou e faz hoje a retrospectiva de 30 anos de lutas, de raiva, de acções directas, de conhecimentos, de aprendizagem, de ocupações e de manifestações. Há mais de 30 anos que a Act up Sud-Ouest defende os direitos e as condições de vida das pessoas seropositivas, das pessoas LGBTI, dos detidos, dos migrantes e dos doentes - onde quer que estejam e de onde quer que venham - e luta pelo acesso aos cuidados de saúde e pelos direitos de todos. Actualmente, a violência estigmatizante³ e racista contra as pessoas LGBTI e seropositivas continua a aumentar em vez de ter parado. As políticas e ideologias retrógradas e reaccionárias seguidas pelo Estado francês e pelas suas instituições reproduzem e reforçam esta violência, como acontece em todo o mundo. Em 2020, Act up Sud-Ouest já tinha chamado a atenção para estas práticas repressivas quando o Collectif Contre l'Islamophobie en France foi dissolvido [pelo Estado]. É evidente que a dissolução e a ameaça de associações políticas susceptíveis de criticar e perturbar a ordem dominante se tornaram uma prática regular do governo, especialmente por parte do Ministro do Interior e do Ministro da Violência Policial: Darmanin. Esta violência policial é tanto mais intolerável quanto, em 2013, o governo deixou impunes marchas inteiras de colectivos anti-LGBTI e fascistas que se manifestavam contra o direito à abertura do casamento a casais do mesmo sexo. Em Toulouse, o Act Up Sud-Ouest resistiu a esta vaga de extrema-direita, enquanto Jean-Luc Moudenc - presidente da Câmara de Toulouse desde a sua reeleição no ano seguinte - marchou no bloco da frente dos manifestantes contra o "casamento para todos".

Durante a crise da Covid, a Act Up Sud-Ouest apelou ao levantamento das patentes das vacinas que beneficiam de forma privada a indústria farmacêutica, à melhoria do acesso aos cuidados de saúde e à realização de testes (de VIH) gratuitos. As políticas governamentais tiveram o efeito contrário e, pior ainda, a falta de recursos humanos e financeiros contribuiu para uma diminuição dos testes de VIH. Uma das lições que os colectivos comunitários, incluindo a AUSO, aprenderam com os anos da SIDA foi a mudança fundamental na relação entre os doentes e os médicos, em que a perícia dos doentes prevaleceu sobre a da profissão médica. Os princípios de Denver de "nada para nós sem nós"⁴ estão no centro da luta do Act Up Sud-Ouest. Actualmente, com o desmantelamento neoliberal do público

¹ Literalmente: putes = putas (como auto-designação das trabalhadoras do sexo).

² Literalmente: trans pédés bi-es gouines = pessoas que são trans* gays bi ou lésbicas (termo utilizado de forma semelhante a "LGBT", mas também parcialmente utilizado como designação própria e termo político. "Queer" não é a tradução exacta).

³ Literalmente: sérophobes = hostilidade para com as pessoas seropositivas (semelhante à "homofobia", sérophobie descreve uma forma de discriminação baseada no estatuto de seropositivo).

⁴ Literalmente: "rien pour nous sans nous"; os Princípios de Denver foram articulados em 1983 pelo comité consultivo das Pessoas com SIDA.

sexo)²Literalmente: trans pédés bi-es gouines = pessoas que são trans* gay bi ou lésbicas (termo utilizado de forma semelhante a " LGBT " mas também parcialmente utilizado como autodesignação e termo político. "Queer" não é a tradução exacta)³Literalmente: sérophobes = hostilidade para com as pessoas seropositivas (semelhante a "homofobia", sérophobie descreve uma forma de discriminação baseada no estado de VIH)⁴Literalmente: " rien pour nous sans nous " ; os Princípios de Denver foram articulados em 1983 pelo comité consultivo das Pessoas com SIDA.

No sistema de saúde, observa-se exactamente o contrário. Hoje, Macron e o seu mundo propõem uma reforma das pensões retrógrada que tornará a vida ainda mais precária para a população em geral e particularmente perigosa para os seropositivos. Em 2020, a idade média de morte das pessoas que vivem com VIH será de 62 anos. Nós, as pessoas LGBTI+, mais afectadas pela precariedade, receamos que os nossos direitos sociais sejam reduzidos com cada reforma. A única resposta do Estado, agora e no futuro, é enviar apenas polícias armados para violar e mutilar aqueles que ousam pôr em causa a ordem existente. Por isso, a partir do sudoeste de França, Act Up Sud-Ouest deseja-vos uma excelente Pride, festivo e rebelde, político e radical, em guarda contra as represálias violentas do Estado. Que seja solidário e comunitário! Nada para vós sem vós!